

## Inserção da Comunicação e Cidadania no Universo Transexual de Santa Maria<sup>1</sup>

Edimar de Oliveira QUEVEDO<sup>2</sup>

Luísa Splimbergo FERREIRA<sup>3</sup>

Pablo Moreira de MELLO<sup>4</sup>

Rafael Vinícius Saggin ALVES<sup>5</sup>

Rosane ROSA<sup>6</sup>

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

### RESUMO

Este artigo relata a experiência com o Subprojeto de Ensino e Extensão Direito a Informação no Verônica Alojamento, desenvolvido por acadêmicos do curso de Produção Editorial da UFSM na disciplina de Comunicação e Cidadania, em 2015\1. O objetivo foi democratizar a informação e a comunicação às travestis e transexuais residentes no Verônica Alojamento, no Bairro Urlândia em Santa Maria, RS. Isso se deu por meio de rodas de conversas com especialistas nas temáticas de interesse do grupo, bem como com a produção de três cartilhas sobre: violência, *crack* e previdência social. Para este artigo, além da pesquisa bibliográfica e documental, procuramos fazer uma reflexão dialógica entre teoria e prática, o ensino e a extensão. Este subprojeto está ligado a um Projeto maior do curso de Produção Editorial da UFSM: a Edumix - Editora Aberta<sup>7</sup> que já consta no Mapa Global de Recursos Abertos<sup>8</sup>.

**PALAVRAS-CHAVE:** cidadania; direitos humanos; informação e comunicação; LGBT

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 07 – Comunicação, Espaço e Cidadania, do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Comunicação Social – Produção Editorial da UFSM, email: edimaroliveirajc@gmail.com

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso Comunicação Social – Produção Editorial da UFSM, email: luspilimbergo@gmail.com

<sup>4</sup> Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso Comunicação Social – Produção Editorial da UFSM, email: pbomello1@gmail.com

<sup>5</sup> Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso Comunicação Social – Produção Editorial da UFSM, email: rafaelsaggin.pe@gmail.com

<sup>6</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da UFSM, email: rosanerosar@gmail.com

<sup>7</sup> <<http://200.18.32.173/educom/index.php/projetos/editora-aberta>>

<sup>8</sup> <<http://mira.org.br/edumix-editora-aberta#!/loc=-29.711706300000007,-53.7163117,17>>

## INTRODUÇÃO

Este subprojeto foi desenvolvido na disciplina de Comunicação e Cidadania, pertencente à grade curricular do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Maria, ministrada pela professora Dra. Rosane Rosa no 1º semestre de 2015. Os principais objetivos da disciplina são apresentar as diferentes concepções de cidadania e suas práticas nos diferentes contextos históricos e comunicacionais, discutir a relação entre mídia, movimentos sociais e o exercício da cidadania de forma concreta, contextualizar os Direitos Humanos numa sociedade midiaticizada e economicamente globalizada, analisar os tipos de cidadania comunicativa e a representação dos cidadãos no ambiente midiático. Como trabalho prático da disciplina, cada grupo de alunos deveria planejar, desenvolver, avaliar e apresentar um projeto social e ou cultural em relação à cidadania comunicativa com grupos minoritários da cidade.

O Verônica Alojamento está localizado na periferia de Santa Maria e nele são abrigadas transexuais e travestis que chegam de todo Estado do Rio Grande do Sul e até de outros estados. Estas, geralmente na margem da sociedade, sobrevivem em sua grande maioria por meio da prostituição. A proprietária da casa, Verônica Oliveira, é quem administra o alojamento primando por um clima de aconchego, conforto, amizade e fraternidade.

O Verônica Alojamento é um dos poucos lugares voltados exclusivamente para travestis e transexuais que se tem registro no Brasil. Atualmente, o local abriga 16 garotas e é ponto de referência para quem sofre preconceito, seja em casa ou na rua e precisa de acolhimento. Em 2015, o alojamento completou 10 anos de atividades.

Por ainda não serem reconhecidas por sua identidade de gênero, grande parte destas pessoas já sofreram ou sofrem com a rejeição da família e da sociedade, falta de oportunidade no mercado de trabalho formal, dificuldades para se assumir, ou são vítimas da transfobia<sup>9</sup>. Neste aspecto, é importante ressaltar que o Brasil está no topo do *ranking* de países que mais mata transexuais do mundo<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> Repulsa ou preconceito contra transexuais.

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/brasil-tem-maior-numero-de-mortes-de-travestis-e-transexuais>>

Diante dessa realidade, o objetivo foi contribuir com o Alojamento por meio da democratização da informação e da comunicação iniciando por um diagnóstico comunicacional para conhecer as necessidades e demandas do grupo. Quando escolhemos o alojamento para realizar nosso projeto da disciplina, pensamos diretamente nos conceitos trabalhados em aula no que tange as questões das minorias. Por vermos que os demais colegas trabalhariam cidadania mais voltada às crianças, queríamos fazer algo que fosse desafiador, onde pudéssemos exercer nosso papel de comunicadores sociais.

Por sempre estarmos voltando nosso olhar e participando de eventos voltados ao público LGBT, e por termos realizado outros trabalhos durante a graduação voltados também a este público, resolvemos desta vez focarmos nos transexuais de nossa cidade, que são uma parcela muito importante do movimento LGBT e na maioria das vezes não possui nada voltado especificadamente a ela. Como já sabíamos do serviço que a Verônica presta na cidade através de seu alojamento, decidimos fazer nosso projeto em parceria com ela.

Para a realização do mesmo, utilizamos como metodologia rodas de conversa. A escolha se justifica por ser uma metodologia participativa, onde todos os integrantes do grupo, as moradoras do alojamento e os colaboradores especialistas poderiam participar e discutir os temas propostos e demais assuntos que surgissem, bem como expor suas opiniões e vivências. Para criar o vínculo entre profissionais e estudantes colaboradores do nosso projeto, consideramos necessário que fosse realizado uma comunicação institucional através de contatos via telefone, redes sociais e reuniões presenciais para que tomassem conhecimento sobre o Verônica Alojamento e promovesse o interesse e a integração entre eles.

## **A LUZ DAS TEORIAS**

Após analisarmos alguns textos trabalhados em sala de aula e outros com temáticas mais específicas podemos buscar referências e conceitos teóricos para o trabalho prático. Assim ao utilizar autores como Gentilli, Sodré, Bento entre outros, conseguimos ver uma inter-relação com o propósito do trabalho.

Segundo Gentilli (2005) “se as modernas sociedades de massas são marcadas pela posse de direitos, sua complexidade coloca a exigência da ampla difusão de informação e cria a necessidade de se tornar claro e preciso o sentido do conceito “direito à informação””.

Analisando esta proposição é possível considerar que ela fundamenta a proposta inicial do grupo que ao trabalhar com o Verônica Alojamento, tinha como objetivo principal subsidiar o grupo com informações sobre temas de interesse cotidiano como por exemplo, o vício em *crack*, violência sofridas, previdência social e assuntos veiculados pela mídia. Com isso, as informações levadas por profissionais de outras áreas até elas, fez com que ficassem a par dos direitos que possuem o que confirma o que o autor assinala ao afirmar que o direito a informação leva ao conhecimento e ampliação de outros direitos.

É através da informação que as pessoas conseguem exercer a cidadania e lutar pelos seus direitos e para isso é necessário se ter acesso a ela, o que gera democracia como aborda Gentilli:

O direito à informação, portanto, deve ser compreendido como um direito relacionado diretamente aos outros direitos [...] É um direito que fomenta o exercício da cidadania e permite ao cidadão o acesso e a crítica aos instrumentos necessários ao exercício pleno do conjunto dos direitos de cidadania (GENTILLI, 2005, p. 128).

O direito a informação, como chave de acesso aos demais direitos, ganha maior relevância em um contexto globalizado. Nesse aspecto reportamo-nos ao geógrafo Milton Santos (2000) quanto a sua percepção da existência de três mundos em um só, imposto pela globalização e que dialoga com nosso trabalho, principalmente devido aos relatos das moradoras do Verônica Alojamento. A primeira forma a qual o autor se refere é a globalização como fábula que foi expressa através de reclames da grande demanda de notícias que a mídia expõe diariamente onde muitas vezes é distorcida com a finalidade de mostrar que estamos bem informados quando na verdade falta informação qualificada e diversificada. O segundo tipo pensado por Santos (2000) é a globalização como perversidade, constatado com os relatos de preconceito, violência e desemprego que as transexuais sofrem. Já a globalização como uma outra globalização, pensada para ser mais humana, foi relatada através de algumas conquistas pelas transexuais e também pela multiculturalidade e possibilidade de evoluirmos para uma sociedade intercultural. A

interculturalidade remete a negociação e reconhecimento da diversidade e com isso é mais fácil desconstruir preconceitos.

Em nosso primeiro encontro realizado no alojamento que contou com a participação do Coletivo Voe<sup>11</sup> foi debatido temas veiculados na mídia e redes sociais como, por exemplo, o uso do nome social nas universidades para pessoas trans e violência contra trans (caso Verônica<sup>12</sup>). Ao se debater sobre estes temas estaríamos nos apropriando de reflexões acerca de redes digitais discutidas por Silveira (2010) e também a educomunicação trabalhada por Soares (2000), no caso, educar com e para a mídia. Silveira defende que “as redes digitais são o campo de batalha onde se travam algumas das lutas mais significativas pelos direitos humanos. Não podemos falar de liberdade de expressão nem de direito à informação se não considerarmos as possibilidades que as redes oferecem aos cidadãos menos favorecidos” o que foi observado na internet com o ativismo das moradoras do alojamento no *Facebook* compartilhando notícias sobre LGBTs e exercendo o direito de expressarem-se.

Soares (2000) dá destaque à observação da educação não formal feita por ONGs, meios comunicacionais e outras fontes de educação que estão fora dos muros de escolas e universidades. O autor propõe que a educação formal deve andar em conjunto com a informal com o propósito de que as pessoas tenham múltiplas visões sobre determinados assuntos, afinal a vida também ensina.

Pensando nisso, podemos evidenciar o quanto foi importante o conceito de educomunicação em nosso trabalho, esta, entendida como educar através da comunicação e também comunicar através da educação, pois levamos as temáticas abordadas em sala de aula e na mídia para o alojamento, assim como o processo inverso. O resultado foi trocas de conhecimentos e o exercício crítico formando cidadãos de ambos os lados. Através das rodas de conversas e do diálogo realizado no alojamento que envolveu a participação de todos, alcançamos um dos fundamentos mais importantes da educomunicação. Esta é

---

<sup>11</sup> Coletivo de ativismo LGBT em Santa Maria, Rio Grande do Sul.

<sup>12</sup> Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/mundo/caso-da-travesti-veronica-bolina-ganha-repercussao-internacional-15986170.html>>

promotora de reflexão e pensamento humanista através do estudo e da produção de meios de comunicação como alavanca para educar e construir uma sociedade mais humanizadora.

Quando se verifica o envolvimento do Verônica Alojamento em lutas por reconhecimento, direitos, respeito e dignidade das transexuais, em conjunto com o Coletivo Voe, é fácil verificar o conceito de minoria proposto por Sodré (2005). O autor coloca que a democracia em qualidade seria um regime de minorias, pois através dela é “imposto” seu discurso para que seja ouvido. Ou seja, através da participação das moradoras do alojamento em eventos como a parada livre, discussões e debates na câmara de vereadores entre outros eventos que elas participam, estariam exercendo o poder de cidadania e lutando contra a hegemonia e também por direitos sociais, civis, políticos entre outros. Além de estarem intervindo em decisões do poder público relacionado a elas e outras causas LGBTs. A participação possibilita uma abertura nas decisões que são tomadas pela sociedade tornando o processo mais democrático e inclusivo, como é reforçado por Sodré quando diz que o combustível de uma minoria é o impulso de transformação.

A minoria aparece como conceito de um lugar onde se produz um fluxo de discursos e ações com o objetivo de transformar um determinado ordenamento fixado no nível de instituições e organizações. (SODRÉ, 2005, p. 14)

Ainda discutindo sobre minorias, Sodré diz que a mídia tem se tornado um dos principais "territórios" de luta das minorias. De acordo com essa visão, as moradoras do alojamento através de passeatas, gestos simbólicos, manifesto em conjunto com outros coletivos da cidade e uma aparição ainda tímida na mídia como em jornais, revistas e internet conseguem reconhecimento de seu discurso e lutas, buscando representatividade.



**Figura 1** — Na foto, Verônica Oliveira, proprietária do alojamento.  
**Fonte:** Reprodução Jornal Diário de Santa Maria<sup>13</sup>

Essa representatividade vem com a articulação com outros grupos com mesma identidade social ou política (Marcha das Vadias<sup>14</sup>, DCE<sup>15</sup>, entre outros) o que gerando maior visibilidade ao grupo e conquistas para a cidadania.

Outro referencial teórico para nosso trabalho foi à autora Berenice Bento citada por Dias (2014), como uma “referência incontornável para os estudos recentes de gênero no campo das ciências sociais”. Dias em seu texto realiza uma entrevista com Berenice. Nela é abordada a questão de “brincar de gênero”, por exemplo, quando se é criança, inventamos histórias e personagens e os performamos. Ou seja, as crianças “brincam de gênero” o tempo todo, mas isso não definirá o que elas serão futuramente. Durante a entrevista, a autora comenta “a questão da transexualidade me interessa por outro motivo: nenhuma outra experiência de gênero é tão forte no sentido de desnaturalizar o que é ser homem e o que é ser mulher” e complementa “uma concepção de gênero que pensa que o masculino e o feminino são os significados culturais que as sociedades atribuem à diferença sexual reafirma a naturalização”.

Ela também trata da despatologização do transexualismo que ainda não é unânime dentro do movimento de travestis e transexuais, pois ainda parte do movimento teme que,

<sup>13</sup> Disponível em: <<http://diariodesantamaria.clicrbs.com.br/rs/geral-policia/noticia/2016/01/bairro-urlandia-em-santa-maria-tem-um-dos-poucos-alojamentos-para-transexuais-do-pais-4962653.html>>

<sup>14</sup> Coletivo feminista de Santa Maria/RS

<sup>15</sup> Diretório Central dos Estudantes

ao se retirar a transexualidade da Classificação Internacional de Doenças (CID), se perca o pouco acesso que existe hoje no Sistema Único de Saúde (SUS). Isto é, se o SUS trabalha com a prevenção da saúde, então não é necessário patologizar as transexuais para que elas sejam atendidas no sistema público de saúde, já que é um direito de todos terem acesso a isso independente do sexo. Bento coloca que a definição de ordem binária imposta pela sociedade se torna natural e não só oprime as pessoas trans e sim, a todos nós.

Já, um texto da própria Bento (2009), traz observações a partir de depoimentos de mulheres trans e homens trans. Ela aborda sobre o corpo das transexuais e o fato de algumas rejeitarem partes dele. Muitas possuem nojo do órgão genital, mas isso não significa que não gostem do próprio corpo. A autora também quer desmistificar a teoria de que todas as trans gostariam de fazer a cirurgia de “mudança de sexo” pela busca do prazer sexual, quando na verdade o que elas mais querem é se sentirem livres e completas.

## **DESENVOLVIMENTO DO PROJETO**

O desenvolvimento do projeto se deu a partir das seguintes etapas:

1- Discussão em aula sobre o grupo minoritário alvo do projeto e as ideias e possibilidades de comunicação integrada a serem desenvolvidas para este grupo.

2- Reunião do grupo para discutir o projeto a ser desenvolvido e definir quais integrantes do grupo poderiam participar do evento Diálogos<sup>16</sup> e irem até o alojamento.

3 - Visitas ao Verônica Alojamento: Após o contato com Dieison Marconi<sup>17</sup>, ficou combinado de irmos ao evento realizado na UFSM, “Diálogos”, cujo o tema discutido foi o acesso e a permanência de travestis e transexuais nos âmbitos escolares e acadêmicos. As convidadas deste debate foram: Luma Andrade, Professora Adjunta da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Marina Reidel, Coordenadora Estadual de Diversidade Sexual da Secretaria Estadual de Justiça e Direitos Humanos do RS e coordena a Rede Trans Educ, Cilene Rossi, ativista do movimento LGBT

---

<sup>16</sup> Evento realizado na UFSM, voltado à discussão sobre o acesso e permanência de travestis e transexuais a educação.

<sup>17</sup> Integrante do Coletivo LGBT VOE e estudante do doutorado em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.



de Santa Maria e Carolina Bonoto, bacharel em Jornalismo pela UFSM. A mediação da conversa foi realizada por Dieison Marconi.

Terminado o evento, as participantes do debate e os integrantes do Coletivo Voe fizeram uma visita ao Verônica Alojamento e foi nessa oportunidade que os integrantes do grupo puderam acompanhar para conhecer o local, as moradoras e para apresentar o projeto. Através desse primeiro contato agendamos outras visitas para detalhar sobre o trabalho a ser desenvolvido. No primeiro encontro, alguns temas foram levantados como prioritários pelas moradoras do alojamento como, por exemplo, “Previdência Social”, “o que fazer em casos de agressão” e “*crack*”. Percebemos que as dúvidas eram muito comuns entre elas e não puderam ser sanadas naquele encontro. Diante disso, o objetivo do nosso trabalho foi sendo lapidado de acordo com a demanda das moradoras, como convém a uma educomunicação comunitária.

### **Primeira Roda de Conversa – Assessoria Jurídica para Casos de Agressão**

A primeira roda de conversa teve como temática a “Assistência Jurídica para Casos de Agressão”, com a presença da advogada Beatriz Magalhães e das estudantes de Direito da UFSM, Thalita Callegaro, Camila Dias, Bianca Petri e Dabine Caroene. Durante a conversa elas aprofundaram questões sobre o que é agressão, como e a quem recorrer, como procurar a defensoria pública e delegacia da mulher e ouviram relatos de discriminação e agressão sofridas pelas transexuais. Além desse tema também surgiram outros questionamentos das moradoras como mudança de gênero na certidão e uso de nome social. Como resultado deste encontro, a equipe do eixo de gêneros do NIJUC<sup>18</sup>, que teve nesse encontro a primeira experiência de trabalho com transexuais, manifestou interesse em continuar debatendo assuntos jurídicos e sociais com as moradoras do alojamento e desenvolver um projeto voltado a travestis e transexuais da cidade de Santa Maria.

---

<sup>18</sup> O NIJUC é a Assessoria Jurídica Universitária Popular da Universidade Federal de Santa Maria (AJUP/UFSM). Trabalho é feito por educandos juristas populares. Site: <<http://nijuc.wordpress.com/nijuc/>>



**Imagem 2** — Post na página do NIJUC no *Facebook* sobre a primeira roda de conversa.  
**Fonte:** <[www.facebook.com/nijucufsm](http://www.facebook.com/nijucufsm)>

## Segunda Roda de Conversa – Crack

A roda de conversa sobre Crack, contou com a participação da psicóloga Michele Pivetta e a estudante de psicologia Maria Eduarda Moraes. Este tema foi sugerido pela proprietária do alojamento, Verônica Oliveira, e gerou bastante curiosidade e participação das moradoras, inclusive com relatos pessoais de uso e vício de substâncias tóxicas. A psicóloga teve como metodologia primeiramente ouvir as participantes do debate (qual o conhecimento, opinião e experiência que tinham sobre drogas) para então a partir disso, evoluir na conversa para quebrar tabus e preconceitos contra usuários e dependentes químicos, já que algumas afirmavam ter preconceito contra usuários de *crack*.

Durante a discussão, debateram sobre as principais causas de morte de envolvidos com o *crack*, que na maioria das vezes não é a própria droga e sim a violência. A partir disso, houve também o debate sobre a forma como uma notícia recente do óbito de uma

transexual residente na cidade<sup>19</sup> foi veiculada pelo Jornal Diário de Santa Maria, por referir-se à travesti com pronomes e artigos masculinos, o que provocou revolta das participantes da roda de conversa. Como resultado desse encontro, as moradoras puderam conhecer um pouco mais sobre as colegas de alojamento através de suas experiências de vida e de superação. A estudante Maria Eduarda Moraes, que acompanhou a psicóloga, pretende dar continuidade com outras temáticas para realizar futuros trabalhos. Importante registrar o relato da acadêmica de psicologia acerca da roda de conversa sobre o tema “crack”:

“O momento foi bastante proveitoso no sentido de que embora a academia (principalmente a psicologia) venha explorando temas acerca das pessoas transexuais e travestis, pouco interage socialmente com essas. Neste sentido, elas expressam verbalmente o desejo de se articularem para conquistarem seus direitos, dizendo que o movimento delas é desunido, tem muita competição e isso impede que elas avancem juntas pelos direitos das travestis e transexuais. Pode-se perceber também que essas pessoas têm muita demanda de falar e contar histórias. Entretanto, o que é válido salientar é o desejo delas de serem escutadas, quando perguntadas sobre o que é o crack para elas, como viveram isso, contam experiências para nós com pouca hesitação, demonstrando nisso uma vontade de se comunicar e partilhar essas vivências. Apesar de possuírem vivências pessoais com a droga crack, o que percebemos é que, apesar da demanda de falar sobre, o assunto ainda é tabu, no sentido de se pensar que a pessoa que faz uso de crack vai ser aquela que irá roubar as demais, etc.” (Maria Eduarda Moraes).



**Imagem 3** — Da esquerda para direita: Pablo, Luísa, Erika, Edimar, Jéssika, Maysa, Verônica, Michele, Maria Eduarda e Rafael.

**Fonte:** Imagem de autoria própria.

<sup>19</sup> Matéria disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2015/06/travesti-e-encontrado-morto-com-tiro-na-cabeça-em-santa-maria.html>>

### Terceira Roda de Conversa – Previdência Social

Na terceira e última roda de conversa. O tema debatido foi Previdência Social e contamos com a colaboração do advogado Charles Sonnehstral Filho. O tema Previdência Social foi escolhido devido à preocupação que muitas moradoras do alojamento têm quanto à aposentadoria, já que a maioria é profissional do sexo e sabe que essa profissão tem curta vida útil.

O advogado deu início à discussão explicando sobre as classes de contribuição e, a partir das dúvidas, foi exemplificando para ser mais didático. Ele focou a conversa à contribuição individual (que é uma das formas que elas podem contribuir ao INSS) e tirou dúvidas sobre acesso a benefícios, período de carência e de graça, auxílio doença, acidente, LOAS e etc. Como a conversa fluiu, naturalmente surgiram outras dúvidas como pensão para dependentes em casos de morte que acabou gerando discussão sobre união estável e separação de bens.

Como resultado dessa roda de conversa, algumas das participantes demonstraram interesse em começar a contribuir, pois somente uma contribuía.



**Imagem 4** — Da esquerda para a direita: Edimar, Charles, Rafael, Pablo, Luísa, Erika e Jéssika.

**Fonte:** imagem de autoria própria.

Após as rodas de conversa o grupo fez uma síntese do que foi abordado e elaborou as cartilhas, produzidas com o intuito de esclarecer as principais dúvidas surgidas durante as rodas de conversa sobre Violência, *Crack* e Previdência Social, para que as moradoras pudessem consultá-las sempre que necessário.

A Cartilha *Violência contra transexuais e travestis* apresenta informações sobre como proceder e quem procurar se ocorrer agressão verbal ou física (telefones e endereços), a cartilha *Crack* relata o que é *crack*, seus efeitos físicos e psicológicos, órgãos de apoio aos dependentes e usuários entre outras coisas. Por fim a cartilha *Previdência Social* esclarece as principais dúvidas levantadas pelas moradoras do alojamento durante a conversa com o advogado sobre previdência social como benefícios, o que é LOAS, conceitos importantes etc.



**Imagem 5, 6, 7** — imagens das cartilhas *Violência contra transexuais e travestis*, *Previdência Social* e *Crack*.  
**Fonte:** imagens de autoria própria.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho foi desafiador e gratificante, pois aproximou a academia da sociedade e mais especificamente a uma minoria. Esta troca de conhecimentos possibilitou maior compreensão sobre assuntos relacionados à transexualidade e perceber a necessidade de desconstruir os estereótipos presentes na sociedade. Além disso, acreditamos que atingimos nosso objetivo principal: democratizar o direito a informação e a comunicação cidadã e educativa para que as pessoas participantes pudessem conscientizar-se quanto aos seus direitos humanos e de cidadania. Desejamos que este trabalho que nos ensinou a ter respeito

ao outro inspire outros universitários e universidades a aproximar-se da comunidade saindo da redoma universitária.

## REFERÊNCIAS

BENTO, Berenice. **A diferença que faz a diferença: corpo e subjetividade na transexualidade.** Bagoas: 4(1),95-112, 2009

DIAS, Diego Madi. **Brincar de gênero, uma conversa com Berenice Bento.** Cadernos Pagu [online]. 2014, n.43, pp. 475-497

GENTILLI, Victor. **Democracia de massas: jornalismo e cidadania.** Porto Alegre: Edipucrs, 2005.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo.** Petrópolis: Vozes, 2010.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** Rio de Janeiro: Record, 2000.

SILVEIRA, Sergio Amadeu da. **Cidadania e redes digitais.** ed. – São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil : Maracá – Educação e Tecnologias, 2010. Disponível em: <http://www.cidadaniaeredesdigit>

SOARES, Ismar. **Educomunicação: um campo de mediações.** Comunicação e Educação. São Paulo, (19): 12 a 24, set./dez. 2000.

SODRÉ, M. **Por um conceito de minoria.** In: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (Org.) Comunicação e cultura das minorias. São Paulo: Paulus, 2005.